

INTENSÃO E EXTENSÃO NA DESCRIÇÃO DE CENÁRIOS DO FUTEBOL

INTENSIÓN Y EXTENSIÓN EN LA DESCRIPCIÓN DE ESCENARIOS DE FÚTBOL

INTENSION AND EXTENSION IN DESCRIPTION OF SOCCER SCENARIOS

Larissa Moreira Brangel*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rove Chishman**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO: A discussão sobre intensão e extensão remete a postulados clássicos sobre filosofia da linguagem e ocupa lugar importante na história da lexicografia. Apesar da constante presença do tópico na literatura sobre definição, pouco se tem estabelecido sobre a aplicabilidade da técnica intensional ou extensional na prática definidora. O presente trabalho apresenta algumas reflexões que surgiram sobre esses dois modos de descrição do significado durante a revisão do dicionário *Field*, um dicionário de termos do futebol baseado em *frames*, elaborado para a Copa de 2014 e posteriormente revisado para a Copa de 2018. Na presente discussão, são exploradas peculiaridades das definições intensionais e extensionais, bem como a aproximação de cada uma delas com teorias semânticas – com especial atenção à relação intrínseca entre definições extensionais e semântica cognitiva. Além disso, demonstra-se como a associação dessas duas estratégias de descrição do significado pode ser útil na elaboração de glosas voltadas para dicionários eletrônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia. Dicionários eletrônicos. Definição intensional. Definição extensional.

RESUMEN: La discusión acerca de la intensión y de la extensión remite a postulados clásicos sobre la filosofía del lenguaje y ocupa un lugar importante en la historia de la lexicografía. Aunque la presencia de este tema sea constante en la literatura sobre definición, poco se ha establecido acerca de la aplicabilidad de la técnica intensional o extensional en la práctica definitoria. Este estudio presenta algunas de las reflexiones que surgieron sobre sobre estos dos modos de descripción del significado durante la revisión del diccionario *Field*, un diccionario de términos de fútbol basado en *frames*, elaborado para la Copa Mundial de Fútbol de 2014 y

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: larissa.brangel@ufrgs.br.

** Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista de produtividade CNPq. E-mail: rove@unisinos.br.

posteriormente revisado para la Copa Mundial de 2018. En esta discusión, se exploran las particularidades de las definiciones intensionales y extensionales, así como su acercamiento a teorías semánticas – con especial atención a la relación intrínseca entre definiciones extensionales y la semántica cognitiva. Además, se demuestra como la asociación de estas dos estrategias de descripción del significado puede ser útil en la elaboración de glosas dirigidas a diccionarios electrónicos.

PALABRAS CLAVE: Lexicografía. Diccionarios electrónicos. Definición intencional. Definición extensional.

ABSTRACT: The discussion about intension and extension originates in classical postulates about philosophy of language and has important role in the history of lexicography. Despite the presence of this topic in studies about definition, little has been established about how to use intensional or extensional technique when writing a definition. This paper presents some reflections on these two kinds of meaning description that emerged during Field review. Field is a frame-based dictionary of soccer terms compiled for the 2014 World Cup and later reviewed for the 2018 World Cup. In the present discussion, we explore some peculiarities of intensional and extensional definitions and their relation to semantic theories - with special attention to the link between extensional definitions and cognitive semantics. Furthermore, we demonstrate how the association between intensional and extensional definitions can be useful in the writing of glosses in electronic dictionaries.

KEYWORDS: Lexicography. Electronic Dictionaries. Intensional definition. Extensional definition.

1 INTRODUÇÃO

A intensão e a extensão se tornaram pauta das discussões sobre a linguagem muito antes da linguística se consolidar como ciência e a semântica emergir como subárea da linguística ocupada do estudo do significado (cf. ARISTÓTELES, 2005). Para a lexicografia, essa discussão assume importância fundamental, uma vez que direciona importantes reflexões sobre a definição lexicográfica, segmento informativo que ocupa lugar destaque dentro da microestrutura dos dicionários semasiológicos (cf. GEERAERTS, 2003a).

Com a consolidação da linguística como ciência independente e a evolução da disciplina sob a forma de diferentes correntes teóricas, a intensão e a extensão puderam ser discutidas de maneira mais refinada, a ponto de hoje ser possível identificar teorias semânticas de caráter intensional (como o estruturalismo) e teorias semânticas de caráter extensional (como a semântica das condições de verdade e a semântica cognitiva)¹. Paralelamente, o desenvolvimento da lexicografia como disciplina teórica e a propulsão de novas obras lexicográficas alavancaram as discussões sobre definição intensional e definição extensional.

Com a era digital, não apenas a pesquisa para a compilação de dicionários sofreu importantes impactos da tecnologia, mas também os produtos finais dessa pesquisa. Os dicionários do século XXI já não se limitam mais ao formato impresso, podendo também serem pensados e planejados para consultas em computadores, celulares e demais dispositivos tecnológicos. Essa nova forma de apresentação permite uma nova concepção das partes dos dicionários, dentre as quais se encontra a própria definição. Assim, se em outras épocas a economia de espaço era um parâmetro essencial a ser levado em consideração no momento de planejamento de um verbete de dicionário impresso, o formato digital de hoje em dia permite mais liberdade ao lexicógrafo (cf. DE SCHRYVER; CHISHMAN; SILVA, 2019). O mesmo se pode pensar a respeito dos recursos empregados para a elucidação dos significados: na mídia impressa, o instrumento de trabalho do lexicógrafo era basicamente a língua escrita, na mídia eletrônica existe a possibilidade de contar com outros recursos, tais como sons, vídeos, animações etc.

No que concerne ao âmbito da definição, é importante pensar de que maneira as discussões sobre significado linguístico conduzidas ao longo dos tempos podem auxiliar a prática definitória em dicionários digitais. Afinal, temos, com os dicionários digitais, novas formas de definição? Se sim, quais discussões dentro da lexicografia poderiam ser úteis para pensarmos nessas novas definições? E

¹ Farias (2013, p.160-176) discute as concepções de significado acolhidas pelos modelos semânticos formal, estrutural e cognitivo. A autora demonstra que, embora distintos, os modelos formal e cognitivo dividem entre si uma concepção extensional do significado e contrapõem-se ao modelo estrutural, que advoga a favor de uma concepção intensional. Na semântica das condições de verdade, circunscrita na perspectiva formal, o significado é entendido extensionalmente, uma vez que é definido em termos de uma correspondência com a realidade extralinguística. Na teoria dos protótipos, circunscrita na semântica cognitiva, o significado é entendido extensionalmente, uma vez que é construído com base no conhecimento de mundo do indivíduo. Já na análise componencial do significado, circunscrita na semântica estrutural, o significado é entendido intencionalmente, uma vez que é estabelecido no interior do sistema linguístico.

qual modelo semântico ofereceria uma boa heurística para as novas propostas? Como resposta a essas perguntas, selecionamos as discussões sobre definição intensional e definição extensional como pontos de partida e acolhemos a semântica cognitiva como suporte teórico para nossas considerações.

O presente artigo relata, assim, a experiência de compilação de um dicionário de termos do futebol baseado nos princípios da semântica de *frames*. O *Field* – dicionário de expressões do futebol² é uma obra lexicográfica *online* lançada em 2014 pelo grupo SemanTec³ concomitantemente à Copa do Mundo de Futebol no Brasil. O propósito do dicionário é elucidar termos e expressões do futebol em três línguas diferentes, português, espanhol e inglês, e faz isso através de uma estrutura lexicográfica que organiza o esporte em cenários (*frames*) e palavras evocadoras desses cenários. Em cada verbete de cenário, são oferecidas descrições (chamadas, na obra, de *glosas*) cuja finalidade é explicar ao consultante os cenários da partida de futebol.

Em *Field* (2014), as glosas obedeceram a uma estrutura sintática bastante enxuta, assemelhando-se muito à estrutura de definições lexicográficas de dicionários semasiológicos impressos. Em 2018, durante a fase de revisão do dicionário para o lançamento de sua segunda edição, que aconteceu concomitantemente com a Copa do Mundo de Futebol na Rússia, observou-se que as glosas poderiam ser aprimoradas para a nova edição e que uma das maneiras de se obter esse aprimoramento seria explorar de maneira mais aprofundada os postulados da semântica cognitiva sobre a definição de conceitos.

Nas páginas que seguem, após um panorama sobre as noções de intensão e extensão e sobre a forma como essa discussão foi absorvida pela lexicografia, discutiremos as contribuições da semântica cognitiva no âmbito da definição lexicográfica e o modo como essas contribuições podem impactar a redação das definições (ou glosas) de um dicionário. Em seguida, mostraremos como se deu o processo de reescrita das glosas de *Field* (2018) e como essa reescrita modificou profundamente as descrições dos cenários do futebol em relação à primeira versão do dicionário.

2 DEFINIÇÃO INTENSIONAL E DEFINIÇÃO EXTENSIONAL

A discussão sobre intensão e extensão remete a postulados clássicos sobre filosofia da linguagem, tais como os encontrados na obra *Categorias*, de Aristóteles. Nessa obra, Aristóteles fundamenta-se nas noções de gênero, espécie e indivíduo para discutir a essência das coisas, utilizando-se principalmente das diferenças para chegar à essência:

A definição de cada diferença aplica-se, similarmente, tanto a indivíduos como a espécies; entretanto, como já observamos, são sinônimas as coisas que não só possuem nome idêntico, como também são definidas identicamente. Resulta, por via de consequência, que em todas as proposições que tenham por predicado uma substância ou uma diferença, o predicado é sinônimo. (*Categorias* 5, 3b5 – 3b9)

Para o autor, definir é apreender a essência de um objeto com base, principalmente, nas diferenças que este objeto apresenta em relação a outros objetos, postulado que alicerça a concepção de intensão e de definição intensional, como veremos mais adiante. No entanto, é somente na proposta de Carnap (1948) que a discussão sobre intensão e extensão toma uma forma mais delineada, ganhando importantes contornos dentro das ciências do léxico.

Apoiado em preceitos lógicos oriundos da lógica aristotélica, em especial nas noções de sentido e referência propostas por Frege (cf. FREGE, 2009), Carnap (1948) propõe um método para a análise semântica do significado, ao qual ele dá o nome de *método da intensão e da extensão*. O método é aplicável a sentenças declarativas, expressões individuais e predicadores (expressões que o autor chama de *designadores*) e se apoia nos conceitos semânticos de *verdade* e *L-verdade* (verdade lógica).

² Doravante *Field* (2014), primeira edição, e *Field* (2018), segunda edição.

³ Sob a coordenação da professora Dra. Rove Chishman (PPGLA UNISINOS), o grupo de pesquisa SemanTec desenvolve pesquisas que articulam a semântica computacional, a linguística de corpus e a linguística cognitiva, promovendo a reflexão científica sobre lexicografia cognitiva, lexicografia computacional e E-lexicografia e o desenvolvimento de recursos lexicográficos e computacionais como *Field* (2014, 2018), *DO* (2016) e o Portal CNJ Acadêmico.

Para Carnap (1948), a L-verdade se aplica a uma sentença se a verdade dessa sentença advir apenas das regras semânticas, ou seja, sem referência a fatos extralinguísticos. O que confere equivalência a duas sentenças é o fato de ambas serem verdadeiras ou não verdadeiras. O autor também estende o conceito de equivalência ao âmbito das expressões individuais e dos predicadores: ambos têm a sua equivalência validada quando corresponderem ao mesmo indivíduo. Já a L-equivalência (equivalência lógica) é definida tanto pelas sentenças como por outros designadores, de modo que ela corresponde a dois designadores somente se seus equivalentes resultarem de regras semânticas. Chega-se, assim, aos conceitos de intensão e de extensão:

Se dois designadores são equivalentes, dizemos também que eles têm a mesma extensão. Se são, além disso, L-equivalentes, dizemos que eles também têm a mesma intensão. [...] Consideramos a extensão de um predicador a classe de indivíduos a qual o predicador se aplica, e, a intensão, a propriedade que ele expressa [...]. A extensão de uma sentença é o seu valor de verdade (verdade ou falsidade), a intensão de uma sentença é a proposição que ela expressa [...]. Por fim, a extensão de uma expressão individual é o indivíduo ao qual ela se refere; a intensão de uma expressão individual é um conceito que ela expressa, que chamamos de conceito individual. (CARNAP, 1948, p. 1, tradução nossa)⁴

Um dos impactos dessa discussão sobre a lexicografia foi a possibilidade de se pensar em definições lexicográficas do tipo intensional e definições lexicográficas do tipo extensional. Como bem coloca Geeraerts (2003a, p.88), a diferença entre essas duas concepções de definição alude aos traços que caracterizam determinada categoria (intensão) e aos membros dessa categoria (extensão).

Assim, tomando a intensão como o conjunto de traços que caracterizam determinado conceito, uma definição intensional caracteriza-se por enumerar as propriedades de uma unidade lexical (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición intensional*). Hartmann e James (2002, s.v. *intensional definition*) complementam que, além de especificar os atributos de um conceito, a definição intensional o faz por intermédio da relação com um hiperônimo desse conceito (tulipa “um tipo de flor que...”, por exemplo).

A articulação entre conceitos superordenados e subordinados dá forma ao modelo mais canônico de definição intensional, conhecido como *genus proximum + differentia specifica* (gênero próximo e diferença específica), também chamada de *definição aristotélica*. Nessa técnica definitória, enraizada nos postulados de Aristóteles, o *definiendum* (palavra a ser definida) deve ser primeiramente definido de acordo com a classe das coisas a qual pertence (*genus*), e em seguida deve ser distinguido de todas as outras coisas que constam nessa classe (*differentia*) (LANDAU, 2001, p.153). *Homem*, por exemplo, na definição por *genus proximum + differentia specifica*, pode ser definido como um ser humano (*genus proximum*) do sexo masculino (*differentia specifica*). Sobre a importância dessa técnica definitória, cabe ressaltar que, ainda que a lexicografia tenha desenvolvido uma série de técnicas definitórias ao longo de sua história, a definição intensional ainda é o recurso mais utilizado pelos dicionários gerais nos dias de hoje (SVÉNSEN, 2009, p.218), sendo a definição aristotélica a definição intensional por excelência (cf. FARIAS, 2013).

Se a definição intensional está relacionada à descrição dos traços que caracterizam uma categoria, a definição extensional remete à indicação dos expoentes da categoria. Nesse tipo de definição, um conceito é definido através da referência a seus hipônimos (HARTMANN; JAMES, 2002, s.v. *extensional definition*), como em *flor: tulipa, margarida, rosa*, por exemplo.

Na literatura sobre definição, é comum encontrarmos que a definição extensional não é muito utilizada nos dicionários gerais de língua, encontrando maior acolhimento nas obras terminográficas (SVÉNSEN, 2009, p.221). Assim, no exemplo acima, se listássemos todos os tipos de flores compreendidos pelo conceito de flor, teríamos uma definição extensional bastante rica e talvez útil para um dicionário técnico, mas que não se encaixaria nos padrões de um verbete de dicionário geral (a alta densidade de informação e, por consequência, ampliação do tamanho da definição, por exemplo, seriam dois fatores que obrigariam o lexicógrafo a ter que modificar a sua estrutura). Diante dessa adversidade, Geeraerts (2003a, p.90) recomenda uma forma mais enxuta de definição extensional, ou seja, uma definição que liste apenas os membros mais típicos da categoria. Segundo o autor, os dicionários costumam empregar essa técnica em combinação com uma definição intensional.

⁴ No original: “If two designators are equivalent, we say also that they have the same *extension*. If they are, moreover, L-equivalent, we say that they have also the same *intension*. [...] We take as the extension of predictor the class of those individuals to which it applies and, as its intension, the property which it expresses [...]. As the extension of a sentence we take its truth-value (truth or falsity); as its intension, the proposition expressed by it [...]. Finally, the extension of an individual expression is the individual to which it refers; its intension is a concept of a new kind expressed by it, which we call an individual concept.”

Nos verbetes de dicionários, elementos extensionais são inseridos nas definições através de palavras como “especialmente”, “por exemplo”, “geralmente”, seguidas da enumeração de representantes típicos da categoria. Para Geeraerts (2003a, p.90), essa técnica apresenta uma dupla vantagem. Primeiro, que torna mais compreensível a definição intensional, que é uma definição bastante abstrata por natureza. Para o autor, a inserção de elementos extensionais ajuda a “ilustrar” a definição. A segunda vantagem é que a contraparte extensional da definição familiariza o consulente com os contextos mais comuns de aplicação da categoria. Essa utilização de membros prototípicos na elaboração de definições extensionais aproxima esse tipo de definição a pressupostos da semântica cognitiva, fortalecendo os laços da lexicografia e dessa teoria semântica.

3 O CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO NA SEMÂNTICA COGNITIVA

A fim de compreendermos a visão enciclopédica assumida pela linguística cognitiva, convém considerar o próprio estatuto da semântica no âmbito da história da linguística do século XX. De acordo com Geeraerts (2003b), a linguística desse período caracterizou-se por uma sucessão de movimentos autonomistas descontextualizadores e movimentos recontextualizadores. Assumindo uma perspectiva eminentemente recontextualizadora, a linguística cognitiva surge, no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, rejeitando a visão dualista cartesiana, assim como o princípio da modularidade da mente e a autonomia da sintaxe conforme o Gerativismo chomskiano. Silva (2006) esclarece que, por decorrência de tal contraste de posicionamentos, passa a existir uma oposição maior entre teorias referenciais e teorias conceptuais do significado, ou seja, entre a concepção do significado como algo analisável em termos de condições-de-verdade através da lógica formal e uma concepção de significado como uma entidade mental e conectado com a experiência humana.

É nesse aspecto que se torna relevante posicionar a linguística cognitiva como comprometida ao que Lakoff e Johnson (1999) denominam de Realismo Corporificado ou Realismo Experiencialista, uma concepção que rejeita dicotomias do tipo racionalismo-empirismo e sujeito-objeto em prol da ideia de que o homem lida com o mundo mediante interações corporificadas, em contraste com o Objetivismo. Como consequência de tal perspectiva, concebe-se o pensamento como corporificado, imagético, gestáltico e centrado na estrutura conceptual.

Referindo-se especificamente à semântica cognitiva, subárea da linguística cognitiva que investiga as relações entre a experiência, o sistema conceptual e a estrutura semântica expressa pela linguagem, Evans e Green (2006, p. 157) destacam como centrais a ideia de que a estrutura conceptual é corporificada, assim como a de que a representação do significado é enciclopédica; a construção do significado, por conseguinte, é vinculada à conceptualização.

No que diz respeito ao compromisso com a perspectiva enciclopédica, recorremos a Langacker (1987), que, referindo-se à compreensão do significado linguístico, acrescenta que a visão experiencialista nos leva a assumir obrigatoriamente uma semântica enciclopédica, o que implica dizer que o que torna uma expressão significativa é evocação de conhecimentos tais como *domínios cognitivos* (LANGACKER, 1987), *modelos cognitivos idealizados* (LAKOFF, 1987), *espaços mentais* (FAUCONNIER, 1985) ou *frames* (FILLMORE, 1977).

Para sustentar a visão de que o significado é enciclopédico, os semanticistas cognitivos se valem de duas justificativas: a primeira diz respeito ao fato de que a estrutura semântica dá acesso a um vasto inventário de conhecimento estruturado, o que corresponde ao compromisso com a conceptualização; e a segunda refere-se à experiência social, relação e interação entre os seres humanos, assim como na própria experiência corpórea (SPADER, 2019).

Para melhor compreendermos tal cenário, assim como a posição assumida neste trabalho, convém lembrar da distinção entre componente dicionarístico e componente enciclopédico estabelecida pelos linguistas formais da década de 1960. Em outras palavras, pode-se falar em distinção entre dicionário e enciclopédia ou, *grosso modo*, entre conhecimento linguístico e conhecimento extralinguístico. Para os formalistas, apenas o componente de dicionário poderia ser investigado por uma teoria linguística, já que, sob tal ótica, o conhecimento enciclopédico é externo ao linguístico.

Para os linguistas cognitivos, ainda que se admita, conforme Evans e Green (2006) destacam, que o componente dicionarístico esteja atrelado ao significado das palavras e o componente enciclopédico ao conhecimento de mundo, a constituição do significado provém tanto do componente dicionarístico como do componente enciclopédico. Com isso, não apenas a dicotomia dicionário/enciclopédia é abrandada, como a clássica distinção entre semântica e pragmática.

Por fim, cabe destacar que a natureza enciclopédica está na essência da noção de *frame* semântico, conceito norteador na estruturação de Field (2014, 2018). De acordo com Fillmore (1982, p. 11, tradução nossa),

A semântica de *frames* oferece um modo particular de se olhar para o significado das palavras, e também um modo de caracterizar princípios para criar novas palavras e frases, para adicionar novos sentidos às palavras, e para juntar os sentidos de elementos textuais ao sentido total do texto. Pelo termo *frame* tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira que para entender qualquer um deles é preciso entender a estrutura que os comporta como um todo; quando um dos itens de tal estrutura é introduzido em um texto ou em uma conversa, todos os outros se tornam automaticamente disponíveis⁵.

Dessa forma, como parte da linguística cognitiva, a teoria fillmoriana assume que uma palavra está sempre atrelada a um contexto maior – o *frame* – de modo que, para compreendê-la, é necessário levar em conta todos esses elementos subjacentes ao conceito. Observa-se, portanto, que tal visão reforça a faceta cognitiva do *frame*, assim como uma maior valorização do componente enciclopédico.

4 A REVISÃO DO DICIONÁRIO FIELD

A partir das considerações acima sobre intensão e extensão na lexicografia e, em especial, da importância do conceito e da aplicabilidade da noção de extensão em descrições do significado no âmbito da semântica cognitiva, discutiremos, a partir de agora, algumas mudanças substanciais ocorridas nas descrições dos cenários do futebol durante a preparação de Field (2018).

O processo de reescrita ora relatado emergiu de discussões que surgiram após a publicação da primeira versão do dicionário, em 2014, e que foram endossadas por posteriores experiências do grupo de pesquisa responsável pela compilação do dicionário. O primeiro importante ponto que motivou a reescrita das glosas dos cenários do futebol diz respeito ao caráter “engessado” que essas glosas pareciam carregar, uma vez que se assemelhavam amplamente com definições lexicográficas de dicionários semasiológicos. Essa semelhança não parecia combinar com a proposta maior do dicionário, qual seja, de ser um produto lexicográfico eletrônico calcado em princípios da semântica cognitiva. Nesse contexto, parecia haver pelo menos duas importantes discrepâncias entre as glosas do dicionário e seu planejamento e organização. A primeira, de ser um produto disponibilizado em mídia eletrônica e que, portanto, não necessitaria primar pela economia de espaço tal qual verificado nos dicionários semasiológicos impressos; a segunda, por acolher princípios norteadores da semântica cognitiva, estando, por isso, passível à utilização da definição extensional sob a forma de informações enciclopédicas. Como bem coloca Bugueño Miranda (2013, p. 27), a consolidação da semântica cognitiva trouxe novos rumos às discussões sobre definição lexicográfica ao sugerir uma nova concepção do que é o significado, e essa mudança acaba por impactar a tarefa do lexicógrafo. Seria, portanto, esperado que uma obra lexicográfica elaborada sob os preceitos da semântica cognitiva oferecesse a seus consulentes a nova visão de significado preconizada pela teoria cognitiva.

Aliando a experiência adquirida na compilação do Dicionário Olímpico (2016)⁶ com a necessidade de aprimoramento das glosas de Field (2014), optou-se, então, por inserir, sempre que possível e que acarretasse um aprimoramento à descrição dos cenários, um segmento extensional às glosas. Esse componente extensional, conforme propunha Farias (2013, p. 202-203), pode se materializar nas definições de duas maneiras: através da referência direta à extensão (elucidação de membros prototípicos da categoria ou

⁵ No original: “Frame semantics offers a particular way of looking at word meanings, as well as a way of characterizing principles for creating new words and phrases, for adding new meanings to words, and for assembling the meanings of elements in a text into the total meaning of the text. By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available.”

⁶ Doravante DO (2016).

associação a um determinado objeto) ou através da referência indireta à extensão (utilização de enciclopedismos). Conforme será demonstrado logo abaixo, ambos os recursos foram utilizados. Passemos agora à apreciação. Para uma melhor comparação do conteúdo semântico das glosas, preferimos organizá-las em tabelas de três colunas nas quais a primeira coluna descreve a glosa da primeira edição do *Field*, a segunda coluna fornece a glosa de DO (2016) e a terceira coluna fornece a glosa da segunda edição do dicionário *Field*. Por razão de espaço, foram selecionados apenas alguns casos para serem discutidos.

a) ATAQUE

Field (2014)	DO (2016)	Field (2018)
Conjunto de ações ofensivas realizadas por uma das equipes, no intuito de chegar à meta do time adversário.	O ataque é o momento no qual a equipe com a posse de bola se desloca em direção à meta do time adversário com o objetivo de marcar gol, utilizando-se de um conjunto de ações ofensivas. Os jogadores de meio de campo são os responsáveis pela ligação entre as jogadas de defesa e ataque, deixando aos atacantes a tarefa de finalizar as jogadas através de movimentos de arremate.	O ataque consiste em um conjunto de ações ofensivas realizadas por uma das equipes no intuito de chegar à meta do time adversário. Durante o ataque, a equipe com a posse de bola se desloca em direção à meta do time adversário e busca, com isso, marcar gol. Os jogadores de meio de campo são os responsáveis pela ligação entre as jogadas de defesa e ataque, deixando aos atacantes a tarefa de finalizar as jogadas através de movimentos de arremate.

Tabela 1: Glosas do cenário *ataque* nos dicionários Field (2014), DO (2016) e Field (2018)

Fonte: Elaborado pelas autoras

A reelaboração da glosa do cenário *ataque* contou com uma breve descrição do movimento de ataque (“O ataque consiste em um conjunto de ações ofensivas realizadas por uma das equipes no intuito de chegar à meta do time adversário”). Essa descrição assemelha-se muito à glosa da primeira edição do dicionário e remete aos princípios de uma definição do tipo intensional ao classificar *ataque* dentro de uma categoria (categoria das ações ofensivas) e, em seguida, enumerar algumas propriedades que diferenciam *ataque* de outras ações ofensivas da partida de futebol (como *defesa*, por exemplo). Assim, “realizadas por uma das equipes e no intuito de chegar à meta do time adversário” podem ser vistos como traços semânticos de *ataque*.

Em Field (2018), optou-se por inserir “o ataque consiste em um” antes da glosa, para que a mesma assumisse uma sintaxe mais semelhante à técnica das *whole-sentence definitions*⁷ e se distanciasse um pouco da sintaxe definitória rígida que caracteriza as definições intensionais. Essa alteração na primeira parte da glosa, no entanto, acaba por ferir um dos princípios da definição intensional, que é a prova da substituição. De acordo com esse princípio, uma definição intensional deve ser capaz de substituir seu respectivo *definiendum* em um enunciado sem que haja alteração na sua significação (SECO, 2003, p. 30-33). No caso de *ataque*, a parte “o ataque consiste em um” inviabiliza a prova de substituição, uma vez que tornaria a frase redundante em um contexto de substituição, além de resultar em uma sintaxe confusa. Peguemos como exemplo um narrador de futebol que fale “agora é a hora do ataque” em meio a uma partida. Ao aplicarmos a prova da substituição, a nova sentença gerada seria “agora é a hora do o ataque consiste em um conjunto de ações ofensivas realizadas por uma das equipes no intuito de chegar à meta do time adversário”. Por outro lado, bastaria a supressão de “o ataque consiste em um” para que a prova da substituição funcionasse: “agora é a hora do conjunto de ações ofensivas realizadas por uma das equipes no intuito de chegar à meta do time adversário”.

Esse exercício endossa o que já havia sido relatado por Farias (2009), de que, no caso da definição de substantivos, a aplicação da técnica das *whole-sentence definitions* (caracterizada por construções do tipo *x é um...*, tal qual em “o ataque consiste em um”) não

⁷ Esse modelo de definição apresenta, geralmente, duas orações, de modo a inserir a palavra-entrada em um contexto para, em seguida, defini-la dentro desse contexto. Os dicionários da linha Collins Cobuild voltados para os aprendizes de inglês como segunda língua foram os responsáveis por implementar e popularizar as *whole-sentence definitions* na lexicografia. No Brasil, essa técnica definitória é geralmente utilizada em dicionários voltados para crianças. Um exemplo de *whole-sentence definition* pode ser encontrado na definição do item lexical *obedecer* em MpDH (2005): “Quando você obedece a alguém, você faz o que essa pessoa pediu.”

resulta em diferenças muito significativas quando comparadas à aplicação da técnica *gênero próximo + diferença específica*. Assim, ao dizermos que a primeira parte da glosa de Field (2018) apresenta um viés intensional, não estamos afirmando que essa primeira parte apresente uma sintaxe definitória análoga à técnica *gênero próximo + diferença específica*, mas que a primeira parte da glosa alude à intensão ao classificar o cenário a ser definido em uma categoria e apontar elementos capazes de distinguir tal cenário de outros cenários da partida de futebol. Esse fenômeno aparecerá também nas próximas glosas analisadas.

A contraparte extensional da glosa, amplamente influenciada pela glosa de DO (2016), ficou por conta de uma sequência narrativa que buscou descrever a movimentação feita pelos jogadores e que caracteriza um ataque (“Durante o ataque, a equipe com a posse de bola se desloca em direção à meta do time adversário e busca, com isso, marcar gol”). Nesse ponto da glosa, é importante observar que não existe mais uma preocupação em descrever o movimento de ataque, e sim mostrar ao consulente do dicionário como ocorre o ataque “no mundo real”. Tanto a construção sintática dessa parte da glosa como a sua forma de organização (contextualização da palavra e posterior definição de acordo com o contexto estabelecido) remetem à estrutura das *whole-sentence definitions*. Extrapolando para o âmbito extralinguístico, essa parte da glosa poderia, inclusive, ser complementada por um recurso multimodal, como uma imagem em foto e/ou vídeo que registrasse o momento de um ataque em uma partida de futebol. Embora Field (2018) não disponha desse tipo de recurso, o formato eletrônico possibilita que isso seja idealizado em edições futuras do dicionário.

Complementando o componente extensional da glosa, e para fechar a descrição do cenário de *ataque*, a glosa ainda fornece uma explicação a respeito das diferentes posições dos jogadores em uma partida de futebol e como esses jogadores se articulam no momento do ataque (“Os jogadores de meio de campo são os responsáveis pela ligação entre as jogadas de defesa e ataque, deixando aos atacantes a tarefa de finalizar as jogadas através de movimentos de arremate”). Essa parte é de suma importância à descrição de *ataque* uma vez que alude aos participantes do cenário e às ações executadas por eles para que o cenário se realize (uma referência direta à semântica de *frames*). Ambas complementações podem ser vistas como enciclopedismos.

b) CAMPO

Field (2014)	DO (2016)	Field (2018)
Área demarcada para o jogo. Divide-se em linhas e regiões diversas, de acordo com as regras oficiais da partida.	O campo de jogo é delimitado por duas linhas compridas, chamadas linhas laterais, e duas linhas menores, chamadas linhas de meta. Essa área é dividida em duas partes pela linha do meio-campo, que determina os lados de defesa e ataque de cada uma das equipes. A área que circunda a meta é delimitada por uma pequena área, de onde o goleiro cobra o tiro de meta. A grande área delimita o local onde o goleiro pode usar as mãos e dá direito à cobrança de pênalti, caso a equipe atacante sofra faltas nesse espaço. Nos cantos do campo, são colocadas bandeirinhas, as quais facilitam a visualização de bolas que saem pela lateral ou pela linha de fundo.	O campo consiste na área demarcada para a partida de futebol. O campo de jogo é delimitado por duas linhas compridas, chamadas linhas laterais, e duas linhas menores, chamadas linhas de meta. Essa área é dividida em duas partes pela linha do meio-campo, que determina os lados de defesa e ataque de cada uma das equipes. A área que circunda a meta é delimitada por uma pequena área, de onde o goleiro cobra o tiro de meta. A grande área delimita o local onde o goleiro pode usar as mãos e dá direito à cobrança de pênalti, caso a equipe atacante sofra faltas nesse espaço. Nos cantos do campo, são colocadas bandeirinhas, que facilitam a visualização de bolas que saem pela lateral ou pela linha de fundo.

Tabela 2: Glosas do cenário *campo* nos dicionários Field (2014), DO (2016) e Field (2018)

Fonte: Elaborado pelas autoras

Nesse caso, temos um exemplo em que a junção de duas glosas, de Field (2014) e DO (2018), resultaram em uma glosa que foi ao encontro de nossos propósitos para a descrição dos cenários de Field (2018). Temos na glosa de Field (2014) uma breve definição intensional de *campo* que pode, inclusive, ser aplicada a outros esportes além do futebol. “Área demarcada para o jogo” pode descrever tanto uma quadra de futebol quanto uma quadra de basquete ou de vôlei, por exemplo, o que configura um problema de ordem extensional na lexicografia, como pode ser inferido das palavras de Bugueño Miranda (2013, p. 30):

No que diz respeito à relação entre a linguagem e as coisas, presente em uma paráfrase, defendemos que toda paráfrase deveria ser essencialmente intensional, isto é, deveria dar conta de um conteúdo da língua, mas, ao mesmo tempo, deveria possuir também o que chamamos de um ‘viés extensional’, isto é, através das informações contidas na paráfrase, deveria ser possível reconhecer a “coisa” no plano extralinguístico.

O referente, portanto, nunca pode ser completamente excluído na elaboração de uma definição (ou glosa, nesse caso). Como argumenta Farias (2009, p. 205), “[...] mesmo que tenha sido estabelecido *a priori* uma separação entre definições extensionais e intensionais, a extensão é um aspecto intrínseco também às definições extensionais”. No caso ora analisado, “área demarcada para o jogo” não permitia que o consultante do dicionário reconhecesse um campo de futebol. Ao mesmo tempo, a segunda parte da glosa, “divide-se em linhas e regiões diversas, de acordo com as regras oficiais da partida”, tampouco permite identificar o cenário *campo de futebol* e toda a sua complexidade. Tínhamos, assim, uma glosa bem elaborada intensionalmente, mas que falhava extensionalmente porque descrevia não apenas um campo de futebol, mas também um campo de *rugby* ou uma quadra de basquete, por exemplo. Essas considerações foram levantadas pelos redatores de DO (2016) ao redigirem a glosa do cenário *campo*, resultando em uma mudança brusca na forma de apresentar esse cenário no espaço reservado ao futebol, como pode ser confirmado na tabela acima. Em DO (2016), abre-se mão da descrição intensional do cenário em prol de uma caracterização das partes que o compõem. A glosa parece por fim atingir o objetivo de esclarecer as peculiaridades de um campo de futebol, mas deixa de apresentar a noção geral do cenário *campo*.

Por esse motivo, em Field (2018), optou-se por unir as duas estratégias de definição, de modo a oferecer aos usuários uma glosa mais completa. Assim, a glosa começa trazendo uma breve definição intensional de *campo* (“O campo consiste na área demarcada para a partida de futebol”), seguida de uma descrição detalhada das particularidades de um campo de futebol (“O campo de jogo é delimitado por duas linhas compridas, chamadas linhas laterais, e duas linhas menores, chamadas linhas de meta. Essa área é dividida em duas partes pela linha do meio-campo, que determina os lados de defesa e ataque de cada uma das equipes. A área que circunda a meta é delimitada por uma pequena área, de onde o goleiro cobra o tiro de meta. A grande área delimita o local onde o goleiro pode usar as mãos e dá direito à cobrança de pênalti, caso a equipe atacante sofra faltas nesse espaço. Nos cantos do campo, são colocadas bandeirinhas, que facilitam a visualização de bolas que saem pela lateral ou pela linha de fundo”). Concomitantemente com a descrição das partes do campo, inseriu-se também a importância dessas partes para o desenvolvimento da partida, articulando, assim, local e execução do esporte (“[...] que determina os lados de defesa e ataque de cada uma das equipes”, “[...] de onde o goleiro cobra o tiro de meta”, “[...] local onde o goleiro pode usar as mãos e dá direito à cobrança de pênalti, caso a equipe atacante sofra faltas nesse espaço”, “[...] são colocadas bandeirinhas, que facilitam a visualização de bolas que saem pela lateral ou pela linha de fundo”).

c) CHUTE

Field (2014)	DO (2016)	Field (2018)
Evento em que um jogador desloca a bola com o pé para determinado local no campo.	No futebol, a posição do pé determina a força e o efeito do chute. Se dado com a parte interna do pé, o chute tem mais precisão e menos violência. Já os chutes de peito de pé são, ao mesmo tempo, precisos e violentos. Os chutes de bico	O chute consiste em um movimento no qual um jogador desloca a bola com o pé para determinado local no campo. No futebol, a posição do pé determina a força e o efeito do chute. Se dado com a parte interna do pé, o chute tem mais

<p>são mais violentos e nada precisos, geralmente usados como modo de surpreender a defesa ou afastar uma bola perigosa. Os chamados voleios são desferidos quando a bola está ainda no ar, a meia altura do chutador, podendo ser bastante violentos. Já o bate-pronto é desferido no exato momento em que a bola toca o chão.</p>	<p>precisão e menos violência. Já os chutes de peito de pé são, ao mesmo tempo, precisos e violentos. Os chutes de bico são mais violentos e nada precisos, geralmente usados como modo de surpreender a defesa ou afastar uma bola perigosa. Os chamados voleios são desferidos quando a bola está ainda no ar, a meia altura do chutador, podendo ser bastante violentos. Já o bate-pronto é desferido no exato momento em que a bola toca o chão.</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 3: Glosas do cenário *chute* nos dicionários Field (2014), DO (2016) e Field (2018)

O terceiro caso em análise diz respeito às descrições do cenário *chute* e foi selecionado para integrar a presente discussão por apresentar algumas peculiaridades que vão ao encontro deste trabalho.

Em primeiro lugar, é importante mencionar a substituição de *evento*, em Field (2014), por *movimento*, em Field (2018), que, na glosa, indica o gênero próximo de *ataque*, categorizando-o juntamente com outros movimentos da partida de futebol. A mudança dessa parte da glosa ocorreu por duas razões, em especial. Primeiramente, porque *movimento* consiste em uma categoria mais específica que *evento*. Todo movimento pode ser classificado como um evento, mas nem todo evento pode ser classificado como movimento: *competição*, por exemplo, que integra a lista de cenários de Field (2018), pode ser classificado como um evento, mas jamais como um movimento. Por esse motivo, procurando assegurar o objetivo principal da glosa, que é fornecer informações claras e precisas sobre os cenários do dicionário, optou-se por abrir mão de *evento* em prol de *movimento* em Field (2018). O segundo motivo repousa na preocupação em manter a uniformidade entre as glosas, assegurando que cenários semelhantes possuam características descritivas semelhantes no dicionário. Assim, não apenas o cenário de *chute* foi classificado como um movimento da partida de futebol, mas também os cenários de *cabeceio* e *drible*, por exemplo.

Como pode ser observado na tabela 3, a glosa de DO (2016) limita-se a oferecer informações sobre os tipos de chutes, sendo pouco informativa sobre como ocorre o movimento de chute. Pode-se classificar essa glosa como uma definição extensional por excelência. Esse tipo de informação, quando aplicado à obra lexicográfica sem qualquer complementação intensional, parece ser útil apenas para consulentes que já se encontram familiarizados com a dinâmica dos jogos de futebol, pouco atendendo o consulente que desconhece a importância do chute para esse esporte.

Assim, com o intuito de tornar a descrição do cenário mais abrangente e chamar a atenção para a importância do cenário *chute* na partida de futebol, optou-se por inserir, na glosa de Field (2018), informações que descrevessem como ocorre o movimento de chute e especificassem o objetivo desse movimento na partida. Essa alteração buscou complementar a glosa de Field (2014) com as informações presentes na glosa de DO (2018), que especifica os tipos de chute.

Por fim, cabe salientar nesta análise que os tipos de chute elencados para compor a glosa não foram selecionados de maneira aleatória, mas seguindo preceitos da aplicação da teoria prototípica nas definições extensionais, tal qual menciona Geeraerts (2003). Os tipos de chute apresentados pela glosa podem ser vistos como elementos prototípicos (ou seja, mais representativos) da categoria *chute* no contexto do futebol e cumprem a função de auxiliar o consulente a entender os tipos de chute mais importantes de uma partida de futebol. Alude-se, por exemplo, ao chute de peito de pé, que é um chute muito utilizado na partida durante o passe de bola, mas não se fala no chute de calcanhar, que, embora seja incidente em textos sobre futebol⁸, se distancia bastante do protótipo de chute, uma vez que é dado com a parte de trás do pé.

⁸ 49.700 resultados na busca *Google* em 14 de dezembro de 2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar a experiência da revisão de Field (2014) sob a ótica das discussões sobre intensão e extensão na semântica e na lexicografia, e demonstrar as intensas reformulações pelas quais as descrições das glosas passaram no processo de compilação da segunda edição do dicionário. Para tanto, traçamos um panorama histórico da evolução das discussões sobre intensão e extensão e como esses conceitos foram absorvidos pela lexicografia sob a forma de definição intensional e definição extensional. Em seguida, mostramos como a noção de definição extensional vai ao encontro dos preceitos da semântica cognitiva e como pode ser útil na descrição do significado.

Por fim, encerramos o artigo abordando a reelaboração das glosas de três cenários de Field (2014) e discutindo, com base em preceitos da metalexigrafia e da semântica cognitiva, algumas decisões tomadas para a reescrita das glosas. Nesse momento do trabalho foi possível demonstrar como intensão e extensão podem resultar em uma frutífera articulação em um dicionário como Field (2018), que procura oferecer ao consulente glosas explicativas sobre os cenários que compõem o futebol. Sobre esse fenômeno, nos alinhamos a Geeraerts (2003a, p. 90-91, tradução nossa), que afirma que:

[...] os lexicógrafos têm usado sempre essas adições extensionais às definições intensionais, mas foi apenas nas duas últimas décadas que a teoria semântica reconheceu a importância dos exemplos típicos e dos membros centrais para o nosso conhecimento da língua.⁹

Essa afirmação endossa nossa ideia inicial, de que os preceitos semântico-cognitivos sobre significado linguístico vão ao encontro do modelo de glosas que tínhamos em mente no planejamento da descrição dos cenários do futebol de Field (2018). Além disso, a afirmação de Geeraerts (2003a) também sugere sutilmente que muitos tópicos de discussão dentro da semântica talvez possam ser aprofundados e aprimorados a partir da observação das definições lexicográficas presentes nos dicionários de língua. Fica o convite aos estudiosos da linguística e interessados no assunto.

Para concluir o presente estudo, cujas discussões em hipóteses alguma se dão por encerradas, é importante frisar que a reescrita das glosas em Field (2018) evidenciou a possibilidade de articulação entre intensão e extensão em uma mesma glosa como medidas complementares de descrição de cenários esportivos. Com isso, foi possível avançar um pouco mais nas discussões metalexigráficas sobre intensão e extensão, além de aprimorar o dicionário em sua segunda edição. Frente a tais avanços, para o próximo projeto lexicográfico desenvolvido pelo grupo (um dicionário dos esportes paralímpicos), pretende-se sistematizar os diferentes tipos de cenários e propor métodos de descrição que vão ao encontro da natureza desses cenários, aprofundando ainda mais a discussão sobre a natureza do significado e as possíveis heurísticas para a sua descrição.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Categorias*. In: ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005. p. 39-80.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Balanço e perspectivas da lexicografia. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 15-37, 2013.
- CARNAP, R. *Meaning and necessity: a study in Semantics and Modal Logic*. The University of Chicago Press: Chicago, 1948.
- DE SCHRYVER, G. M.; CHISHMAN, R. L. de O.; SILVA, B. An overview of Digital Lexicography and directions for its future: An interview with Gilles-Maurice de Schryver. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p.659-683, 2019.

⁹No original: "Lexicographers have always used such extensional additions to intensional definitions, but it is only in the last two decades that semantic theory has recognised the importance of typical examples and central members for our knowledge of the language."

- DO. *Dicionário Olímpico*. São Leopoldo: Unisinos, 2016. Disponível em: <http://www.dicionarioolimpico.com.br>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FARIAS, V. S. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. 285f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FARIAS, V. S. *Sobre a definição lexicográfica e seus problemas: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos*. 2013. 398f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.
- FIELD. *Field: Dicionário de expressões do futebol*. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- FIELD. *Field: Dicionário de expressões do futebol*. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2018. Disponível em: <http://dicionariofield.com.br/>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- FILLMORE, C. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. p. 55-82.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de P. Alcofrado. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 129-158.
- GEERAERTS, D. Meaning and definition. In: STERKENBURG, P. V. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003a. p. 83-93.
- GEERAERTS, D. Decontextualising and recontextualising tendencies in 20th century Linguistics and Literary Theory. In: MENGEL, E.; SCHMID, H.-J.; STEPPAT, M. (ed.). *Anglistentag 2002 Bayreuth*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, 2003b. p. 369-379.
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 2002.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LANDAU, S. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. V. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.
- MpDH. *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- SECO, M. *Estudios de Lexicografía Española*. 2. ed. Madrid: Gredos, 2003.

SILVA, A. S. da. Significado, conceptualização e experiência: sobre a natureza do significado linguístico. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v.10, n.1, p. 01-25, 2006.

SPADER, D. *Entre conceitos e conce(p)tos: uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia, Lexicografia e Linguística Cognitiva*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SVÉNSEN, B. O. *A handbook of lexicography: the theory and practice of dictionary-making*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.



Recebido em 26/12/2019. Aceito em 17/04/2020.